

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ**TESTEMUNHOS DO PRESENTE: VÍNCULOS ENTRE ÉTICA E ESTÉTICA****DOSSIER PRESENTATION****TESTIMONIALS OF THE PRESENT: LINKS BETWEEN ETHICS AND AESTHETICS****DOI 10.20873/uff2179-3948.2023v14n2p1-6****Amanda Lacerda de Lacerda¹****Lua Gill da Cruz²**

Em *The Era of the Witness*, Annette Wieviroka (2006) recupera a história da figura do testemunho como diretamente relacionada ao século XX, mas sobretudo, como um conceito em deslocamento ao longo do tempo. O conceito, de acordo com a Wieviroka (2006), vai então assumindo outras acepções, e é especialmente depois do julgamento de Eichmann, nos anos 1960, que há uma evolução para o que ficará conhecido como uma "virada testemunhal", na Europa, mas também em outros lugares do mundo, quando passa a haver, inclusive, sistemáticas recolhas de testemunhos nos mais diversos meios ao redor do mundo.

Depois do século XX, então, e a partir dos preceitos da psicanálise, o testemunho é definido, por muitos sobreviventes do genocídio nazista, como o que dá sentido à sobrevivência. De acordo com Dori Laub (1991), os sobreviventes não só precisam sobreviver para contar a sua história, como precisam contar a história para sobreviver, o que intitula como "imperativo do contar". De uma parte, percebem uma insuficiência na língua e na sua capacidade de expressar a dor, de outro, sentem a necessidade de fazê-lo. O testemunho permanece, assim, nesta aporia absoluta: na balança entre a necessidade de representação do trauma e a sua impossibilidade.

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária pela UNICAMP, onde é bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordena o Grupo de Estudos Literatura e Didáticas (GELD/PUC-SP). E-mail: amandaldelacerda@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9194-1700>

² Realiza estágio pós-doutoral na PUC-Rio. Foi professora visitante da Universidade do Chile, entre 2021 e 2023. Doutora em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), quando foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Foi Visiting Scholar no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros na Brown University durante o doutorado. E-mail: luagillc@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4984-9497>

No campo das artes, em específico, o conceito também adentra, não sem algum questionamento dos seus limites. Theodor Adorno (1998), por exemplo, ao debater a obra de Paul Celan, aponta: “escrever um poema após Auschwitz é um ato de barbárie, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se torna impossível escrever poemas” (ADORNO, 1998, p. 26). Nessa citação, o autor remete à debilidade da arte diante da barbárie dos campos de concentração nazistas, sem defender que a arte seja, entretanto, uma instância proibida de realização. Remete para a sua condição aporética, ou seja, para o fato de que toda a escrita, depois da *Shoah*, deverá passar por um questionamento acerca dos seus próprios limites. O filósofo questiona, portanto, o caráter temporal da escrita *após* a *Shoah*: em que medida e de que forma pode acontecer o processo de elaboração nesse tempo *depois*. No campo da literatura em específico, afirma Márcio Seligmann-Silva, o testemunho passa a ser compreendido como “uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que a história da literatura [...] seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o 'real'”. Essa literatura, portanto, dotada de forte *teor testemunhal*, como define Seligmann-Silva (2005), lida com a elaboração simbólica das catástrofes do século XX em diante. Nesse campo pode referir-se à tentativa de sobrevivência a um evento que colocou no limite a vida do sujeito e que marca tanto a percepção quanto a possibilidade de expressão.

Na América Latina também surge outro conceito fundamental, aquele da “literatura de testemunho” (De Marco, 2004), um gênero literário definido pelo Prêmio Casa das Américas e que tinha como objetivo atentar para aqueles cujas vozes oprimidas e apagadas não encontravam espaço no campo do literário. Em muitos casos, há um compromisso profundo em lembrar o que se insiste em esquecer, em recuperar o que segue apagado, em atentar para aqueles e aquelas cuja história não encontra espaço.

Há outro aspecto fundamental, portanto, no que diz respeito ao testemunho: as condições específicas que permitem (ou não) que, em determinado momento ou contexto, a testemunha seja escutada. Os testemunhos, nesse sentido, partem do seu tempo e de um questionamento profundo sobre formas estéticas e éticas relacionadas a esse tempo. Conforme Jelin (2017), é preciso observar as diferenças do testemunho e dos seus enquadramentos institucionais. O testemunho jurídico, por exemplo, remete ao sentido primeiro, apresentado por Felman (2000), e exige “frieza, precisão”, materialização de *prova*, contexto claramente distinto dos interesses do testemunho poético, literário, que não se interessa por *atestação*, mas se constrói exatamente no trabalho com a língua, com a fabulação, com a criatividade. Percebe-se aqui as possibilidades e as nuances que o conceito oferece: por ser bastante aberto, abriga e

contrapõe diferentes campos do saber e da justiça e atua, em cada um deles, mobilizando questões diferentes, responsabilidades distintas, éticas de titularidade outras. Não está fechado, mas em constante modificação.

No campo recente, também percebemos um esgarçamento do conceito afastando-se, inclusive, da figura do "sobrevivente", por exemplo, com uma literatura da "pós-memória" (Hirsch, 2008) ou de segunda geração. Com o passar do tempo os problemas éticos, estéticos, jurídicos e históricos se esgarçam: aquele que *não* estava lá pode testemunhar? Sem ver e ouvir, como testemunhar? O conceito ainda se aplica nesses casos ou sofre novo deslocamento? Não se trata, assim, só do deslocamento temporal que produz uma mudança *naquele* que narra, como na segunda geração, mas também se modifica substancialmente *o que* se narra, os *artifícios* a partir dos quais se narra, e *como* se narra. Agora, a voz pública de outras gerações começou a se debruçar sobre o passado e a apresentar os seus próprios testemunhos *no lugar do outro*, ou em outro tempo, atentando para a precariedade e limitação de sua posição.

O campo também tem estado atento às relações entre a produção do testemunho e a colonialidade e buscando relações entre o testemunho e experiências como as ocupações coloniais, a escravização, a violência do encarceramento em massa e a sua relação com a literatura do cárcere, a perseguição policial recente. O testemunho está (como sempre esteve) também em processo de refazer-se, descolonizar-se, portanto, atentando para os seus contextos específicos e necessidades, já não tão relacionadas com os contextos europeus, por exemplo, pensando-se e organizando-se a partir de outras epistemologias e formas de narrar, definir e imaginar.

Pensando nessas questões, este dossiê buscou atender para uma escuta ativa aos testemunhos dos dias de hoje, atualizado e repensado para as nossas questões e a partir de nossos espaços. A partir de 2023, em tempos sombrios, ou seja, um contexto de extrema violência, discurso de ódio e fake news, propusemos como perguntas norteadoras: como se reconfiguram os testemunhos do presente? Quais são os temas e pressupostos? Que testemunhos são contados e, especialmente, ouvidos? Como o conceito se desloca e se configura no tempo presente? A investigação permeada pelo diálogo com essas perguntas, entre outras relacionadas ao tema mais amplo, permitiu abarcar artigos diversos que demonstram a relação entre testemunho, história e/ou memória e obras artísticas, levando em consideração os desdobramentos desse conceito no presente. Os textos que compõem esta publicação partem de testemunhos múltiplos, que envolvem a memória das ditaduras civis-militares do Cone Sul, a crise migratória, a violência de gênero e a luta no campo. Em comum, há uma preocupação em rever o conceito

de testemunho, expandir suas possibilidades para outros contextos e sobretudo questionar os seus limites, trazendo-o para o nosso tempo.

Em "O testemunho como tendência na escrita do romance de memória contemporâneo", de Ana Paula Souza, a autora dedica-se a observar como, no romance *Sefarad* (2001), do espanhol Antonio Muñoz Molina, há um uso profícuo do gesto do testemunho na própria construção narrativa, seja na escolha dos personagens, na postura ética da autoria, na intertextualidade com outras obras de teor testemunhal, ou ainda, na inserção de testemunhos orais que são a base para a escrita literária. O texto dedica-se a identificar as diferentes formas como os gestos testemunhais aparecem e as suas implicações na crítica, bem como contextualizar o romance no que considera a tendência testemunhal da literatura contemporânea.

Já em "Autobiografia, literatura de resistência e literatura de testemunho: os caminhos das disputas da memória", Marcos Vinicius Ferreira Trindade pensa a categoria da "autobiografia" na literatura de testemunho de Renato Tapajós, *Em câmara lenta* (1977) e *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira. O texto contextualiza o tempo de publicação das obras, ainda durante a ditadura e início da transição à democracia, com, por exemplo, o retorno dos exilados pós Lei da Anistia; bem como atenta para as aproximações e distinções de ambos textos, especialmente no que tange os deslocamentos do gênero da autobiografia e suas relações com o testemunho e com a ficção.

Nos artigos "O tempo da transmissão em *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy, e *A resistência*, de Julián Fuks: pós-memória, segunda geração e herança", de Lua Gill da Cruz, e "Uma busca por rastros: exílio, testemunho e objetos de transmissão em *Lengua Madre*, de María Teresa Andruetto", de Renata Rocha Ribeiro, a memória de segunda geração é o eixo central de análise dos romances contemporâneos. Aspectos como o deslocamento temporal na transmissão do trauma, o papel exercido pelos rastros/objetos no processo de reconstrução memorialístico e as dinâmicas de trânsito entre os efeitos subjetivos e sociais sobre a compreensão e o legado das ditaduras latino-americanas permeiam as leituras propostas pelas autoras.

Já Weverson Dadalto e Nelson Martinelli Filho, em "O esquecimento e testemunho em 'Bialystok, a jornada', de Bernardo Kucinski", propõem uma leitura crítica e atenta ao conto do reconhecido autor contemporâneo Bernardo Kucinski, disponível na coletânea de 2021, *A cicatriz e outras histórias*, observando como o horror do nazismo só pode se formular a partir do "inimaginável", ou seja, o argumento atenta para a forma como o trauma, o horror e o

testemunho escapam à representação ao mesmo tempo que constituem o cerne do texto literário. O argumento de Dadalto e Martinelli Filho também situa o texto de Kucinski no conjunto da obra do autor, estabelecendo relações formais e temáticas com outros contos.

No texto “*Pra frente Brasil, experimentemos a ressaca do pensamento político e da ditadura: um depoimento da literatura em Bar Don Juan (1971)*”, de Phelipe de Lima Cerdeira, está em pauta a representação literária da juventude militante do anos 1970 no Brasil, seus embates e contradições. Fundamentado em amplo aparato teórico sobre as lutas revolucionárias na América Latina, o autor propõe uma leitura crítica do conhecido romance de Antonio Callado.

Em “Literatura e resistência: o corpo erótico na poesia de Alex Polari”, a pesquisadora Suzeli Santos Santana analisa poemas das obras *Inventário de cicatrizes (1978)* e *Camarim de prisioneiro (1980)* entendidos como testemunho da sua participação ativa e de seus companheiros na resistência do autor contra o regime militar brasileiro, bem como de experiências de violência e de memórias traumáticas. O texto introduz as duas obras amplamente para logo observar e ler criticamente a relação entre afeto, erotismo e testemunho em poemas específicos.

Na produção de Dionei Mathias, “O testemunho na literatura de fluxos migratórios: o exemplo de Usama Al Shahmani”, uma das temáticas fundamentais dos nossos tempos atuais, a migração, ganha um espaço fundamental na discussão sobre o testemunho recente e a sua atualização. O texto busca observar as complexidades do conceito do testemunho quando diante da experiência de desterro e de marginalização observada na obra de Al Shahmani. A relação com a língua, com a busca por uma linguagem e de construção de um “lugar de pertencimento”, mas sobretudo com a sua falência linguística é central no argumento.

O artigo de Fábio Ávila Arcanjo “A interdição e a vergonha no testemunho de Pierre Sell, homossexual e sobrevivente da barbárie nazista”, discute a experiência por vezes apagada da “máquina de morte nazista”, conforme argumenta: aquela da violência contra homossexuais, a partir do livro de Pierre Seel. O autor revisita o conceito do testemunho, observando o seu caráter falocêntrico, e propõe um deslocamento no conceito, revisando-o e deslocando-o para propor uma leitura cuidadosa com o autor e livro estudados.

Em “A experiência estética na redução da violência baseada em gêneros relacionada à escola (SRGBV)”, de Claudio Alexandre Andreato e Márcio Matiassi Cantarin, a discussão toma como base o conceito de *School-related gender-based violence*, criado pela UNESCO em 2016, para caracterizar as graves violências sofridas por jovens da comunidade LGBTQIA+ em

contextos escolares. Partindo de múltiplas abordagens no campo da estética filosófica, os autores apresentam argumentos que evidenciam o potencial da experiência estética na construção de novas perspectivas que possam reduzir a violência decorrente de padrões de masculinidade consolidados pelo discurso escolar.

Por fim, em “A estética da luta e a ética da morte: o assassinato do Padre Josimo e o nascimento da UDR no contexto da Nova República”, de Moisés Pereira da Silva e Jôyara Maria Silva de Oliveira, o foco de análise é a trajetória do clérigo paraense e sua participação ativa nas lutas camponesas por meio da Comissão Pastoral da Terra nos anos 1980. Apoiados em documentos jurídicos, publicações em periódicos e testemunhos, os autores reconstroem a trajetória do Padre Josimo em seu contexto de luta, dando destaque para sua militância, os embates vividos contra a União Democrática Ruralista e seu destino trágico.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

DE MARCO, Valeria. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua nova*, v. 62, p. 45–68, 2004.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensinar. NESTROVSKI, Arthur A; SELIGMANN-SILVA, Márcio (et al). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, p. 13–71, 2000.

HIRSCH, Marianne. The generation of postmemory. *Poetics today*, v. 29, n. 1, p. 103–128, 2008.

JELIN, Elizabeth. *La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2017.

LAUB, Dori. Truth and Testimony The Process and the Struggle. *American Imago*, v. 48, n. 1, p. 75–91, 1991.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

WIEVIORKA, Annette. *The era of the witness*. Ithaca, N.Y: Cornell University Press, 2006.